

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO CAMINHO PARA A PRÁTICA DO SABER: A IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

(Autor) Tainá Maria de Oliveira Santos; (Co-autores) Daniel de Souza Andrade; Maria do Socorro Guedes; Jailda Santos Arruda; (Orientador) Sílvio César Lopes da Silva

Universidade Federal de Campina Grande, tainamariageografia@gmail.com; Universidade Federal do Rio Grande do Norte- CAPES, sclop3@yahoo.es

Resumo: O estágio supervisionado não é apenas uma disciplina obrigatória, ele acaba se tornando o intermediador do futuro profissional com o meio onde irá trabalhar, no caso do professor, ele acaba se tornando a experiência mais próxima da escola, da sala de aula e dos alunos. Temos então o estágio não apenas como teoria separada da prática, mas sim, como teoria e prática, unidas em uma via de mão dupla, nos permitindo refletir sobre o saber adquirido no decorrer do curso e nossa formação. Ao percebermos que esta formação não é uma receita de bolo entendemos que ela deve ser calcada em fundamentos consistentes que servirão ao para nosso futuro. Considerando a importância do estágio supervisionado para a formação docente, este trabalho tem como objetivo analisar e entender como este acontece na formação e aperfeiçoamento do profissional que está a se formar. Assim, o presente trabalho trata-se de um relato de experiência de cunho bibliográfico, pois a partir das reflexões adquiridas durante o estágio supervisionado I pude desenvolver o presente trabalho. Para viabilização deste, foi necessária revisão bibliográfica e experiência *in loco*. Quando vamos para a prática, algo se torna diferente, ensinar deixa de ser a simples exposição de conteúdos passando a ser exigido do professor a didática e interação com o aluno tão comentada durante todo o curso. Começamos a perceber que além da teoria já vista, a prática é quem vai na realidade nos qualificar como professores, qualificação está voltada para a postura, didática, conteúdos e caminhos a serem tomados em certos momentos. Tais reflexões vistas nesta pesquisa visam a ideia de impulsionar o futuro professor a refletir sobre as diversidades e dificuldades vistas em sala de aula, que é neste local que é feito o conhecimento de todos que fazem a educação considerando assim, um ambiente rico para pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: Estágio, sala de aula, Formação Docente.

Introdução

O Estágio Supervisionado em vários momentos, acaba sendo temido por todos aqueles que passam por algum curso de formação acadêmica, assim, na licenciatura também não é diferente. Este acaba sendo indispensável para a formação dos graduandos. Pensar o estágio nos projeta a diversos tipos de discussões, uma delas e em primeiro lugar está relacionada ao profissional que desejamos ser, é onde de fato lidamos com a realidade e nos projetamos para questionamentos que irão circundar durante toda nossa vida como profissional. Dentre os vários questionamentos, podemos pensar neste: será que conseguirei ser o professor que desejo ser?

O estágio supervisionado não é apenas uma disciplina obrigatória, ele acaba se tornando o intermediador do futuro profissional com o meio onde irá exercer sua profissão, no caso do professor, ele acaba se tornando a experiência mais próxima da escola, da sala de aula e dos alunos. A importância deste para os alunos de licenciatura é inquestionável, pois é a partir dele que será colocado em prática tudo aquilo que está sendo trabalhado e desenvolvido na instituição acadêmica. Todas as teorias, conhecimentos e curiosidades serão construídas na prática a partir do estágio supervisionado.

Este como disciplina tem por objetivo orientar os alunos para sua carreira profissional. Nele é exigido algumas etapas que estão predispostas na grade curricular dos cursos superiores, que acima de tudo, respeitam as normas da universidade e as adequa a instituição que recebe o estagiário, neste caso, a escola. Por etapas, obrigatoriamente é exigido a carga horária completa de tais práticas e ações, seguindo assim todo cronograma exposto.

Temos então o estágio não apenas como teoria separada da prática, mas sim, como teoria e prática, unidas em uma via de mão dupla, nos permitindo refletir sobre o saber adquirido no decorrer do curso e nossa formação. Ao percebermos que esta formação não é uma receita de bolo entendemos que ela deve ser calcada em fundamentos consistentes que servirão ao para nosso futuro. Daí a necessidade fazer com que o intercâmbio entre a teoria e a prática aconteçam e seja algo positivo na vida e processo formativo do educando, possibilitando-lhe o conhecimento necessário para uma atuação mais profícua. (PIMENTA; LIMA, 2004).

Considerando a importância do estágio supervisionado para a formação docente, este trabalho tem como objetivo analisar e entender como este acontece na formação e aperfeiçoamento do profissional que está a se formar.

Metodologia

Pensar em um percurso metodológico e escolher dentre tantas metodologias existentes não é nada fácil. Pois, por mais que tenhamos familiaridade com uma, a partir de nossas escolhas, acabamos deixando as demais de fora. Porém, sempre nossa opção dar-se pelas proximidades e envoltórios que fomos adquirindo ao longo de nossa forma.

CHIZZOTTI (2006, p.20) aponta que, “a pesquisa pressupõe teorias ou visões de mundo que, em diferentes domínios do conhecimento, moldam a atividade investigativa e auxiliam a pesquisa. Ou seja, ao pensarmos no tema, nos vem em mente como entendê-lo e quais caminhos percorremos para buscar entendê-lo. É aí que surge, a abordagem

metodológica. Dessa forma, sendo uma pesquisa de cunho qualitativa, bibliográfica e descritiva, uma vez que os dados recolhidos são resultantes dos escritos e das coletas que fomos fazendo ao longo do processo. (BOGDAN e BIKLEN,1994)

Assim, o presente trabalho trata-se de um relato de experiência de cunho bibliográfico, pois a partir das reflexões adquiridas durante o estágio supervisionado I. Para tanto, a viabilização deste, só foi possível a partir da revisão bibliográfica e experiência *in loco*.

A identidade na formação e os desafios do cotidiano

O contato com a sala de aula permite-nos o envolvimento direto com o cotidiano da escola, os anseios dos alunos e suas dificuldades, o fazer do professor, que diante da prática usa da teoria ao improviso e faz seu cotidiano acontecer em meio aos diversos dilemas da sala de aula.

Mesmo diante dessas questões, a realidade viva de um fazer docente, nos sentimos cada vez mais motivados a pensarmos-nos como profissionais e a repensarmos nossa fazer diário. Daí nossa identidade com aqueles que o dia a dia da sala de aula. O processo identitário vai acontecendo, no instante em que nos colocamos no lugar do outro, e passamos a pensar numa prática similar, sendo construída e desenvolvida por cada um de nós. dessa forma, o significado atribuído a cada situação vivenciada na sala de aula, reflete na qualidade do ensino, nas ações desenvolvidas e no fazer prático. Assim, o ensinar ganha sentido, uma vez que se torna a ação na urgência e a decisão na incerteza.(PERRENOUD, 2001) Por mais que tenhamos em mente que a teoria respalda a prática, é mister, a junção de ambas para que tenhamos êxito nas funções que venhamos a desempenhar junto a nossos alunos.

Para tanto é preciso está atento as reais necessidades dos alunos e dialogar com os mesmos, uma vez que a sociedade vem passando por diversas transformações, a exemplo nas comunicações e tecnologias¹, e a escola continua com as práticas e modelos de antes – desde a

¹ Sob essa questão, destacam-se diversos trabalhos, dentre os quais o de Silva (2014), que a partir de um denso trabalho sobre o uso das tecnologias na sala de aula, aponta que é preciso superar as práticas engessadas que perpetuam-se na sala de aula, para dar espaço a outras formas de ensinar e aprender com as tecnologias. Para tanto, é preciso o envolvimento do aluno nesse processo, para que o mesmo deixe o papel de coadjuvante e se torne ator. O estudo aponta ainda que é possível envolver os alunos a partir de seus contatos e experiências com as tecnologias, uma vez que na sua maioria são usuários assíduos tanto de aparelhos móveis quanto de redes sociais. Cabendo ao professor e a escola quebrar as diversas barreiras que impedem a presença das tecnologias na sala de aula, a começar pelas leis que proíbem o uso do celular, por conseguinte envolver o saber do aluno – aquilo que ele traz consigo a partir de seu contexto, com o saber institucionalizado, na pessoa do professor. In: SILVA, S.C.L. **Produção textual e tecnologias: um estudo etnográfico de uma sala de aula de língua portuguesa da educação básica.** - 2014. 107.p. Dissertação (Mestrado profissional em Formação de Professores) Universidade Estadual da Paraíba.

forma de avaliação, às concepções de ensino e aprendizagem. Está aberto ao novo, é fazer do mesmo companheiro do caminho, e aprender com o mesmo um jeito diferente de olhar a realidade e transformá-la.

Resultados e discussão

Quando vamos para a prática, algo se torna diferente, ensinar deixa de ser a simples exposição de conteúdos passando a ser exigido do professor a didática e interação com o aluno tão comentada durante todo o curso. Começamos a perceber que além da teoria já vista, a prática é quem vai na realidade nos qualificar como professores, qualificação está voltada para a postura, didática, conteúdos e caminhos a serem tomados em certos momentos. Para PIMENTA (1995, p.63), o estágio é “um componente do currículo que não se configura como uma disciplina, mas como uma atividade” ou seja, que devemos colocar em prática aquilo que nos foi transferido durante o tempo de formação. É neste caso, a execução do que foi construído nas disciplinas, como Práticas de Ensino, Didática, Psicologia da Educação, Metodologia de Ensino, entre outras.

Ao sermos orientados em sala de aula, várias etapas são exigidas no estágio supervisionado I, é importante frisar que duas delas são mais importantes, como o diagnóstico do ambiente escolar e da organização desta. No caso do Estágio Supervisionado I, é exigido a observação participante na escola, está segundo BARBOSA (2008, p.02), é caracterizada como “a ação do pesquisador em vivenciar a própria realidade que pesquisa e não apenas realizar uma observação distanciada do seu objeto de pesquisa”, no nosso caso, o objeto a ser pesquisado é o ambiente escolar e sua dinâmica, a forma que os alunos se relacionam com o corpo escolar, a interação dos professores com alunos, e destes com os professores, entender como os mesmos interagem com as questões sociais que lhes cerca, dentre outro.

O diagnóstico escolar, visa identificar o funcionamento da escola, sendo necessário observar todas as informações possíveis e que nos chamam a atenção como os recursos disponíveis a serem utilizados pelos professores, questões administrativas, a estrutura física da escola o corpo docente e o alunado. BARBOZA (2008, p. 05), considera que “a leitura dos aspectos materiais, físicos e socioeconômicos pode lhe permitir a analisar de que modo os espaços são organizados, estruturados e em que medida isso traduz valores ou condições específicas de trabalho”.

O que nos permite a observar não apenas as questões quantitativas, mas enfatizar o que nos sensibiliza e nos permitir olhar criticamente as relações sociais presentes no âmbito escolar. São questões que segundo SANTOS (2013 p.83-84), “os licenciados devem participar

deste processo imbuído de uma perspectiva crítica e comprometida com a escola, consubstanciada de compromissos éticos e sociopolíticos da profissão como aspectos que participam da construção do ser docente”.

Assim, podemos pensar o estágio como o nosso momento de avaliar as práticas pedagógicas ressaltadas aos nossos olhos, de modo que, mesmo o componente curricular não seja exigido a preparação de aulas ou a apresentação das mesmas, mas já irá nos permitir a familiarização com o trabalho a ser feito. No mesmo momento, iremos nos inquietar com as maneiras que os professores abordam o conteúdo, do mesmo modo em que iremos nos espantar com o momento mais complexo que todos os estagiários consideram, que é o comportamento dos alunos.

Desta maneira, o estágio permite ao futuro professor a reflexão da prática pedagógica apresentada em seu curso, pois, ao tempo que se deparam com a realidade, que para alguns pode ser um choque por justamente por não ter um domínio do conhecimento pedagógico exigido na carreira enquanto docente e para outros cria-se uma nova motivação, ou seja, uma espécie de encontro ou encantamento diante a rotina escolar. Tal percepção de “choque” surge a partir do momento em que diante a escolha de alguns cursos de licenciatura, muitos dos profissionais envolvidos na educação do futuro docente se voltam, apenas, em aplicar conceitos, de tal forma que toda a questão é pautada na preocupação dos assuntos apresentados no decorrer do curso com as disciplinas de um modo em geral, onde algumas foca apenas no que se diz a respeito do conhecimento científico (voltando-se para projetos e produções de artigos) se preocupando muito com a pesquisa em outras áreas, e deixando de lado a principal, que vem a ser a relação da área específica com a metodologia de ensino que nos convém a utilizar durante a dissolução das nossas aulas, evocam o espírito da pesquisa, em analisar dados, mas deixam de lado a principal ideia que deve ser proposta durante as aulas, que vem a ser a da pesquisa e conhecimento na área de ensino. Seguindo tal lógica, ABREU (2013, p. 92) critica o modo a condição de dicotomia da teoria e prática encontrada na formação do docente ao acreditar que “disciplinas de conhecimento específico são consideradas aquelas que tem mais ‘substâncias’ e as chamadas pedagógicas são apenas complementares”. Então, com base em tal pensamento temos o resultado de uma falta de engajamento e insegurança no que se diz a respeito de lidar com a realidade posta, ao que de fato é importante.

O motivo para tal espanto que um graduando de qualquer curso em licenciatura é sim a forma como tal se depara ao lidar com a realidade, apresentam-lhe teorias, exigem desempenho, mas nada que é obrigatoriamente visto ou estudado, por vezes chega a se tornar

insignificante quando chegamos ao estágio, que é exatamente o que ABREU (2013, p. 92) considera, onde “o conhecimento específico apreendido na sala de aula dos cursos de graduação parecem pouco, ou nada, significarem no momento do estágio, e o que sobra muitas vezes é a reprodução dessas experiências produzidas”. Então chegamos ao que nos resta, que seria basear-se do professor supervisor de estágio, para que então, possamos a partir de tal basearmos em nosso modo de ensino. Por isso PIMENTA (2012, p.36) nos traz uma reflexão muito realista ao nos retratarmos a tal prática, acredita que “o estágio então, nessa perspectiva reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino processa”.

Então, as disciplinas que antes eram apenas um “complemento”, são a salvação do graduando em desespero, assim, a solução para tal está nas mãos do professor orientador de estágio, este que deve ter uma visão clara da realidade escolar e também a prática em instituições de ensino (pública ou privada). Este deve direcionar o graduando, à propor alternativas que gerem confiança e quebrem a visão que estes tem com o primeiro contato com uma sala de aula. Este não vai excluir seu conhecimento das disciplinas ditas importantes, estes terão como base estas que são acima de tudo a sua especialidade e o direcionamento da didática, da prática, da metodologia, específica para a orientação de uma aula espetacular, assim como a interpretação aprofundada de todas as relações encontradas no âmbito escolar.

Levando em consideração a pouca experiência, o primeiro contato e as possíveis indagações que os estagiários poderão encontrar, é de total importância que estes se voltem para a produção científica com algum tipo de experiência escolar.

Levando em consideração a falta de conhecimento na área pedagógica, é de total importância que os estagiários façam alguma produção científica com algum tipo de experiência escolar. A exemplo disto está a ideia do professor do componente curricular nos iniciar à pesquisa que irá atribuir para nossa formação, e ainda mais, produzir e construir um conhecimento a partir do estágio. Partindo de tal pressuposto, SANTOS (2013, p. 75) aponta que

A pesquisa na formação inicial docente enquanto instrumento de articulação entre as teorias desenvolvidas na universidade e as práticas educativas desenvolvidas no ambiente escolar, fazendo com que os futuros professores (...) percebam a importância destas na profissão e, futuramente nas suas práxis docentes à pesquisa.

Assim, Santos (2013, p.71, apud SANTOS, 2012, p. 55) acredita que “a formação do Docente deve estar pautada no intuito de ‘articular’ teoria e prática, formando o professor-pesquisador e possibilitando o estágio enquanto lócus da prática docente”. Para que então, possa ser superado a dicotomia entre a Teoria e a Prática do Estágio, e a necessidade de maior aproximação entre a escola e universidade (ABREU, 2013, p.112, apud SACRISTÁN, 1999). Leite, Ghedin e Almeida (2008, p. 16) afirmam a importância de que os cursos de formação de professores se organizem de forma a possibilitar a superação do modelo da racionalidade técnica, assegurando-lhes a base reflexiva na formação e atuação profissional. Tais reflexões incluem a ideia de impulsionar o futuro professor a refletir sobre as diversidades e dificuldades vistas em sala de aula, que é neste local que é feito o conhecimento de todos que fazem a educação considerando assim, um ambiente rico para pesquisas acadêmicas.

Considerações Finais

O Estágio de observação escolar é visto em muitas instituições acadêmicas como uma experiência que deve ser mais que proveitosa. É o primeiro contato com a realidade escolar e desta forma permite a reflexão sobre o sua atuação dentro do meio acadêmico e como futuro professor, quais são as metodologias e conteúdos que colaboram para minha formação, para a formação do professor que desejo ser. Para isto, deve-se focar em superar a dicotomia existente sobre a teoria e prática do estágio. A proposta desta pesquisa não é de dar uma receita de bolo daquilo que se pretende entender sobre a prática educativa e sim pensar como está a partir de minha percepção como docente pode ser melhorada.

Infelizmente é observado em muitos cursos de licenciatura que apenas é valorizado as disciplinas de conhecimento específico e é deixado de lado as de cunho pedagógico. Desde que iniciou pesquisas sobre o que diz a respeito do estágio, a característica de que o mesmo é algo apenas para reproduzir conteúdo visto em sala de aula vem perdendo espaço. Assim, dando uma nova cara ao que de fato é de se dar importância, que é refletir sobre a prática. Assim, cabe ao professor orientador do estágio deve buscar contextualizar os fatos ao colocar seu aluno a refletir sobre a prática do estágio para que possa ser atingido uma boa política de formação de professores, aproximando de fato o aluno à realidade da escola, mas sem perder o foco que pode ser uma produção científica.

REFERÊNCIAS

ABREU, S. **O Estágio Supervisionado na formação do Professor de Geografia: diálogos ininterruptos** In: ALBUQUERQUE, Maria Adilza FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. Formação, Pesquisa e Práticas Docentes. João Pessoa. Editora: Mídia, p.87-104, 2013.

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. **Estágio supervisionado interdisciplinar**. Natal, RN: SEDIS, 2008. 11v.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. Portugal: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, L.E. AZEVEDO, S. L. M. **Diálogo com e para a Formação do Professor no estágio Supervisionado em Geografia** In: _____ et all. A formação docente em geografia: teorias e práticas. Campina Grande, Editora: EDUFCG, p.77-106, 2014.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LEITE, Y. U. F.; GHEDIN, E.; ALMEIDA, M. I. de. Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Liber Livro, 2008.

PERRENOUD, Phillipe. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na formação do Professor: unidade entre Teoria e Prática?** São Paulo. USP. n°.94, p. 58-72, ago. 1995

PIMENTA, S. G; LIMA, M.S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, M.F.P. **O Estágio supervisionado na formação dos Professores de Geografia**. In: ALBUQUERQUE, Maria Adilza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. Formação, Pesquisa e Práticas Docentes. João Pessoa. Editora: Mídia, p.59-88, 2013.

SILVA, S.C.L. **Produção textual e tecnologias: um estudo etnográfico de uma sala de aula de língua portuguesa da educação básica**. - 2014. 107.p. Dissertação (Mestrado profissional em Formação de Professores) Universidade Estadual da Paraíba.

SOUZA, V.C. **Desafios do Estágio Supervisionado na formação do Professor de Geografia** _____. In: ALBUQUERQUE, Maria Adilza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. Formação, Pesquisa e Práticas Docentes. João Pessoa. Editora: Mídia, p.105-130, 2013.

ZABALZA, M.A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento Profissional**. Porto Alegre: Artmed, p.13-151, 2004.